

## A ECOLOGIA ALARGADA EM ETIENNE GUILLÉ

10/7/1994 - A obra de Etienne Guillé não anda longe das preocupações ecológicas nem nega qualquer perspectiva analítica dos ambientalistas. Só que as globaliza e amplia a uma escala nunca antes vista. Parece-me, desde que o leio, que ele consegue fazer desequilibrar os pratos da balança energética a favor da Neguentropia, ao contrário, como se sabe, do que actualmente acontece, onde tudo chegou aos limites da Entropia, incluindo ecologistas.

Além de biólogo molecular, Etienne tem uma formação sólida em termodinâmica dos sistemas abertos: e a vida é um sistema aberto, embora esteja neste momento a funcionar como sistema fechado, daí todas as perversões. Etienne integra os dados ecológicos (a crise planetária de recursos) num conjunto mais vasto e mais «poderoso» de energias, em que o sistema solar é apenas uma estação de passagem... Ensina o método - a linguagem vibratória de base molecular - que nos pode dar acesso à informação energética pura, a essas energias cósmicas (de elevada frequência) e, com a ajuda delas, pode ajudar a fazer sair o Planeta do beco sem saída onde o metemos (mesmo os ecologistas, como se sabe, involuntariamente contribuem para reproduzir o sistema, a espiral infernal logarítmica (em que Etienne tanto insiste).

É então e finalmente a famosa saída vertical, quando todas as saídas na horizontal se encontram fechadas. As escolas de iniciação (incluindo a de raiz budista) são integradas e superadas pelo método de Guillé, que recebe em directo as informações cósmicas, embora, no livro, comunique apenas o que é comunicável, deixando uma zona de sombra que nos compete a nós, seus alunos, descobrir. Todas as informações terão, no entanto, de passar por uma profunda alquimia pessoal, o que não se faz evidentemente só pelos circuitos mentais do costume.

«Maitriser» o processo é, por agora, a etapa em que se encontram alguns aprendizes da sua obra. Regularmente centenas de pessoas têm participado nos seminários que Patrice Kerviel (filha de Etienne Guillé) e seu marido Jean Noel Kerviel vêm dar a Portugal. É um método de extraordinária complexidade mas fascinante e ambicioso: trata-se de ter acesso à eternidade (sem complexos), de aprender a dialogar com o invisível (a nossa hereditariedade vibratória) e com o infinito, compilando para isso a informação de todas as grandes tradições do sagrado e filtrando essas informações por um filtro objectivo, a que chamam «grelha analítica», instrumento básico deste trabalho, uma espécie de «cartilha maternal» deste «*approche*».

O Pêndulo é a ponta visível deste invisível fio de Ariadne - e que, pelos seus movimentos, pelos seus batimentos e pela sua amplitude, nos coloca em ressonância os nossos diapasões (o ADN) com o diapasão cósmico. É uma alquimia inevitável nos nossos 600 biliões de células, alquimia que passa por fases clássicas (Nigredo, Albedo, Citredo e Rubedo) os chamados por Etienne Guillé «stresses positivos».

A grande questão que se coloca - e que outros também colocarão - é fazer com que esta *démarche* aparentemente individual não se torne esterilmente individualista mas que, transmitindo-se como um rastilho, se vá alargando a quem estiver em condições de a assimilar. Para ajudar a humanidade a sair do Beco. A tradição egípcia (época de ouro) é a que, segundo Guillé, oferece maior fiabilidade e o alfabeto hieroglífico («língua sagrada» lhe chama Enel) ainda guarda a informação vibratória primordial em estado puro. Também o alfabeto ogâmico dos druidas - ou alfabeto das árvores - tem essa qualidade. E, prestando homenagem aos amigos da Natureza e do «verde», as

árvores estão no centro dessa mensagem, particularmente algumas árvores que, em número de 24, correspondem, uma a uma, a cada letra do alfabeto latino. As letras deste alfabeto compõem a referida grelha, base da linguagem universal com a qual iremos entrar no Terceiro Milénio, como se regressássemos ao tempo anterior à torre de Babel.

Um novo Cosmos, vibrando em frequências na base do Fi (unidade de medida do espírito) põe-se em movimento em 26 de Agosto de 1983, abrindo as portas a uma Nova Idade de Ouro. A questão é se iremos a tempo de evitar a catástrofe planetária, antes de «maitriser» essas novas energias que são postas à disposição dos seres humanos, até agora vibrando sob a Era dos Peixes, a mais materialista das eras zodiacais (precessão de equinócios) que o universo já viveu (sofreu).

Tudo o que ecologistas disseram e preconizaram sobre energias alternativas, está, a esta luz, correcto. E todo o grande princípio da autarcia e da auto-suficiência. Mas há que fazer a aliança com as restantes energias do espectro electromagnético, que vão, através do sistema solar, até ao canal divino... Como leitor apaixonado de Etienne Guillé, só vos posso dizer que, contra todas as aparências, nada soa a charlatanismo no seu discurso e, também, no da Patrice, que nos tem dado os cursos, da máxima exigência no aspecto intelectual, mas fazendo apelo à nossa aliança com o continente perdido que é a face positiva do inconsciente colectivo.

Jung aproximou-se deste vórtice que Etienne e Patrice nos ensinam a percorrer, deste labirinto que é a nossa própria condição de seres humanos. Como se calcula, a nossa arrogância intelectual tem perdido terreno, mas sentimos sempre que ainda estamos longe, muito longe de conseguir curar-nos de todas as taras que o ego intelectual deixa em nós. E é possível que nunca se consiga vencer essa barreira. Sonhar pouco e mal, por exemplo, é, nesta *démarche*, um sinal patológico. A análise dos sonhos é um dos métodos de diagnóstico mais utilizados. E o reencontro com os contos de fadas e lendas um dos caminhos que abrem caminhos. Fazer a ponte entre o cérebro esquerdo e o cérebro direito - dualidade que é o foco das nossas dualidades -, será em termos de fisiologia humana uma exigência a «*accomplir*». Ultrapassar o dualismo do espaço-tempo linear é o que andamos aqui a aprender e a essa aprendizagem chama-se «iniciação». Assim está inscrito na mensagem da Esfinge, que começou a vibrar no tal 26 de Agosto de 1983.

Ao tentar dar aos meus amigos a notícia do livro de Etienne Guillé, sinto-me um pouco como naqueles recuados anos 70, de temor e tremor, em que alguns poucos começaram a defender ideias ecológicas que toda a gente, por aqui, execrava. A mensagem de Guillé é muito mais exigente e ambiciosa que a mensagem ecológica, embora passe, inevitavelmente, por uma visão ecológica radical, tentando ampliá-la e ao mesmo tempo ligar-nos ao momento de eternidade. Não exclui nenhuma forma de ambiente, incluindo o cósmico-divino...

Como alguns ecologistas mais atentos têm intuído, a crise é planetária mas é, principalmente, uma crise de valores, uma crise do espírito (sem medo à palavra), uma crise de cultura. Mais do que um modelo de desenvolvimento que está em causa (embora também) é um paradigma, tese de Fritjof Capra e Edgar Morin, por exemplo.

Mas a holística daqui decorrente, é ainda etapa na exigente cosmovisão de Etienne. A grande síntese, a síntese das sínteses - eis o que o livro de Etienne, «*L'Homme Entre Ciel et Terre*», põe nas nossas mãos trémulas, assustadas e ainda incrédulas. Como é possível, na terra e vindo de um cérebro humano, ter a possibilidade de ler o que o Criador tem para dizer ao Ser Humano, um filho de Deus que se ignora.

Neste sentido, relativiza a morte planetária e a morte humana, já que nos liga (religa) a existência, sem crenças, à fonte eterna, à consciência através da essência.

Como se calcula, Etienne desafiou os dogmas da ciência e da religião. E proclamou a necessidade urgente de uma «ciência alargada». Na biologia molecular, descobriu a hereditariedade vibratória (ou divina) quando só a hereditariedade genética era conhecida e aceite. Os dogmas da religião, também ele os afronta, pois recusa crenças: não se trata de crer em deus, mas de, objectivamente, dialogar com o divino, o que nos é contado, por exemplo, com o mito da demanda do Graal.

Tenho tentado passar a notícia de Guillé a pessoas entendidas em matéria de ciências ocultas, mas esse é o tipo de pessoas mais fechados a esta mensagem. As pessoas que sabem muito de matérias esotéricas, opõem essa barreira a uma necessária e básica «inocência» ou «virgindade» de espírito necessária para aceitar a complexidade proposta por Guillé.

O livro que agora saiu, «*L'Homme entre Ciel et Terre*», deriva de um acordo com o editor Jean Louis Accarias, em que Etienne se comprometeu a usar o menos possível a hermética linguagem vibratória: por isso nos remete constantemente para um segundo tomo, falando neste primeiro uma linguagem que aparentemente todos entendemos. Pelo menos, a miríade de fios e fontes aparecem interligados, o que permite fazer deste último livro a melhor introdução à obra perfeitamente genial de Etienne.

Com o meu usual exagero, que alguns amigos bem conhecem, costumo dizer que «*L'Homme entre Ciel et Terre*» são as 505 páginas mais importantes desde Gutemberg. Ou mesmo desde Adão e Eva... Ou mesmo desde o Dilúvio. Diria mesmo, o livro mais importante desde o Big-Bang. É preciso exagerar para dar um pouco da medida exacta e do impacto que ele exerce sobre algumas pessoas. E, estou convencido, sobre alguns (poucos) dos meus amigos a quem me sinto no dever de transmitir a mensagem que é, no bom sentido, a Boa Nova. Especialmente num momento em que a Boa Nova nos é transmitida por todos os canais e seitas, gurus e mestres.

Quando eu pensava que tenho penado toda a vida por ter intuições demasiado precoces e ter sonhado, antes de tempo, e mais vezes do que devia, o que o tempo vem confirmar, eis que a gnose vibratória vem afinal dizer-me que preciso de desenvolver o meu cérebro direito e as minhas capacidades intuitivas... Mais um golpe no meu pretensioso ego mental.. Afinal, sou dos que oferecem mais barreiras à intuição e à imaginação e há que assumir, com alguma humildade, este «*handicap*». Mais um. 🎵♥